

projeto delete
helena nunes



Para quem é sinónimo e significado de amor:

Pai, Mãe e Hugo.

E para as estrelas mais brilhantes do meu céu.

Tenho saudades vossas.

«ESCOLHAS... NÃO PODEMOS VOLTAR ATRÁS.
É POR ISSO QUE É TÃO DIFÍCIL ESCOLHER.
É PRECISO FAZER A ESCOLHA CERTA.
ENQUANTO NÃO SE ESCOLHE,
TUDO PERMANECE POSSÍVEL.»

Mr. Nobody (2009)

CAPÍTULO 1

DEZ ANOS ANTES

Os últimos raios de sol ousam passar o vidro da janela e encadear-me. Semicerro os olhos e desvio o corpo para o lado, a fim de os evitar, mas é em vão. Minutos depois, a luz solar volta a encontrar as minhas íris azuis. Olho para o canto do monitor do portátil e os pequenos dígitos indicam-me que falta um quarto de hora para que as oito da noite cheguem. Dou por terminado o meu trabalho de hoje, encerro os programas abertos no computador, fecho com cuidado a tampa do portátil e guardo-o na mochila preta.

Saio, trancando a porta da sala de informática, e guardo a minha cópia da chave no bolso. Passo aqui tanto tempo que já ganhei a confiança dos chefes de departamento para ter uma chave só minha.

Sigo pelo corredor vazio que me levará às escadas de acesso ao átrio da universidade. A esta hora já não está ninguém neste piso, no entanto, no exterior, ouvem-se as vozes de vários grupos estudantis e dos veteranos da praxe a chamarem pela leva de caloiros deste ano. É quinta-feira, noite semanal de festa universitária, e está a começar um arraial para lá destas paredes, organizado pelos vários polos que compõem o *campus*.

Levo a mão ao bolso do casaco e tiro o telemóvel. Sem chamadas nem mensagens, o que significa que, mais uma vez, o meu pai se perdeu na investigação e se esqueceu das horas.

Já estou a sair. Espero por ti para jantar e falarmos do que te enviei? Acho que encontrei algo importante.
Beijinho

Envio a mensagem para o meu pai e é o último suspiro do aparelho. A bateria desce para um por cento e o telemóvel desliga-se. Guardo-o na mochila, na esperança de que, pelo menos, a mensagem tenha sido enviada.

O meu pai é o Marco Rodrigues, cientista de física atómica e molecular. Desde criança que me recordo de o ver no escritório de casa, de volta de pilhas de papéis com as suas mais recentes descobertas, a resmungar baixinho enquanto escrevia fórmulas repletas de números e de símbolos que eu não compreendia e a passar noites em claro. E todas as manhãs

lá estava ele, a acordar-me com um beijo na testa e pronto para ir para o laboratório em busca de alcançar o seu grande sonho: o teletransporte. Muitos julgam-no um louco, a correr atrás de uma impossibilidade da vida, outros chamam-lhe visionário e acreditam que será ele a transformar o futuro da humanidade. Eu prefiro chamar-lhe destemido, por não se importar com o que dizem e continuar focado no seu objetivo.

Inspirada por todo o seu trabalho, estou a terminar o meu percurso em Engenharia Computacional, na mesma universidade onde ele é investigador, e tornei-me uma espécie de parceira da sua investigação. Aprendi a programar muito cedo e não tenho qualquer pudor em afirmar que sou muito boa no que faço. Perco horas em bibliotecas e em pesquisas *online* para obter cada vez mais dados que nos possam ser úteis. Metadados, código, programação, toda a parte informática passa por mim. O projeto deixou de ser apenas de um Rodrigues e passou a ser de dois. Juntos, temos feito progressos inimagináveis, como teletransportar objetos.

Os testes começaram com um simples bago de arroz. Foram anos de ajustes nas fórmulas, de dados modificados, de código corrigido, de tentativas frustradas, de insucesso atrás de insucesso. Até ao dia em que aquele esbranquiçado bago de arroz se moveu e desapareceu da bancada do laboratório, para reaparecer a menos de um centímetro ao lado. Inicialmente, pensámos estar a ser vítimas do cansaço e das ilusões óticas, mas, ao repetirmos a experiência, aquele movimento mínimo e praticamente impercetível a um olhar menos atento aconteceu de novo. Tínhamos conseguido, o teletransporte tornara-se oficialmente possível!

Meses de aprimoramentos e de novas tentativas possibilitaram-nos teletransportar objetos cada vez maiores, desde simples canetas a laranjas, livros, cadeiras e mesas! Depois, conseguimos aumentar a distância de deslocamento. Criámos uma rede de localização por GPS, recorrendo a latitudes e longitudes, e começámos por teletransportar objetos de um local para o outro no laboratório, depois dentro da área do *campus*, até atingirmos deslocações pela cidade.

A nossa meta agora é o teletransporte de seres vivos. Já realizámos algumas experiências com roedores, mas nenhuma com um resultado que possamos afirmar que seja positivo. O melhor que conseguimos, se assim podemos considerá-lo, foi fazer desaparecer alguns ratos-brancos. Para onde? Não fazemos ideia, pois nenhum deles estava na localização programada. É exatamente por isso que aqui estou. Todos os dias, após

as aulas, isolo-me na sala de informática e estudo, programo, testo e procuro falhas na nossa investigação. Tudo isto em segredo. Apesar de ser um avanço científico e tecnológico revolucionário, manter a discrição é uma das prioridades. Sabemos os riscos que existem caso uma tecnologia como esta caia nas mãos erradas e, também, não temos certezas dos efeitos secundários que o teletransporte acarreta. Ainda é tudo bastante recente e carece de anos de estudo afinado, aos quais pretendo dedicar-me de coração e cérebro.

Por agora, apenas eu, o meu pai e o seu assistente, e amigo de longos anos científicos, o Daniel Gouveia, temos acesso e pleno conhecimento de que o teletransporte já é possível. Para todos os outros, continuamos em busca do impossível e a ser rotulados como alucinados.

Ouçõ risos vindos das escadas ao fundo do corredor e vozes masculinas a entoar canções brejeiras. Dobro a esquina e vejo um grupo de quatro rapazes. Dois deles, de copos de imperial nas mãos, cantam a plenos pulmões enquanto outro despeja cerveja atrás de cerveja pela goela abaixo de um quarto elemento, que está sentado no segundo degrau, de braços e boca abertos.

Tento passar pelas costas deles, bem encostada à parede, para não ser vista nem perturbar as suas atividades académicas. Sinto um abrupto empurrão no ombro e, de imediato, algo gelado me cai na cara e nos cabelos. Os dois rapazes, que estavam a cantar, viram-se para mim e encontram-me encharcada na cerveja que acabaram de me entornar em cima.

— Desculpa, linda, nem te vimos! — disse um deles, com a voz arrastada e mais alto do que o necessário.

— Não tem problema. — Claro que tem, mas só quero sair daqui rapidamente.

— Aonde vais com tanta pressa? — O outro agarra-me no braço com firmeza. — Tens de nos deixar compensar-te!

Um alarme mental dispara em mim e tento sacudir a mão dele, sem sucesso. O que estava sentado a emborcar cervejas levanta-se, limpa os lábios no braço, deixando um rasto de espuma na pele, e avança na minha direção, levando a que o outro me solte o braço.

— Penso que ela é que tem de nos compensar... — Está demasiado perto de mim e consigo sentir o bafo quente a lúpulo que exala. — Afinal, essa cerveja que tens em cima é nossa.

— Bebe, bebe, bebe! — uivam os outros três em coro.

A mão dele toca-me na bochecha molhada e sei que preciso de me

escapular, mas, assim que tento esquivar-me, ele agarra-me um braço e ergue-o com força contra a parede à altura dos meus olhos, forçando-me a ficar quieta.

— Deixa-me ir — peço, com o coração a querer rebentar no peito.

— Essa cerveja é nossa e não se vai estragar — sussurra ao meu ouvido.

Horrorizada, sinto a sua língua quente e molhada a percorrer a pele do meu queixo até à orelha. As pernas tremem-me de medo e fecho os olhos enquanto os gritos guturais dos outros ecoam na minha cabeça.

Viro a cara para o lado quando o oiço rir.

— Ainda está fresquinha! — grita para os outros, voltando a colar a língua na minha cara, lambuzando a minha bochecha e dirigindo-se ao meu pescoço.

Abro os olhos, que me ardem do choro contido, e vejo a sua mão segurar o meu pulso contra a parede. É agora ou nunca. Num impulso, levanto o joelho direito o mais alto e rápido que consigo, tentando atingi-lo onde mais lhe dói, mas acerto-lhe apenas no interior da coxa. É o suficiente para o fazer afrouxar na força com que me segura e me dar espaço suficiente para lhe ferrar os dentes no braço, com tanta força que sinto o sabor metálico do seu sangue misturar-se com a minha saliva.

Ele urra de dor e afasta-se, soltando-me, enquanto os outros três nos olham atónitos. Com a adrenalina a percorrer-me o corpo, corro o mais rápido que consigo pelo corredor escuro que tão bem conheço. Os pelos do meu corpo eriçam-se ao ouvir os passos que correm atrás de mim, mas nem me atrevo a olhar.

Com as mãos a tremer, tiro a chave da sala de informática do bolso e, felizmente, consigo abrir facilmente a porta. Antes de a fechar, ainda vejo dois vultos aproximarem-se, mas é tarde demais para eles. Tranco-me no interior da sala e deixo-me ficar encostada à porta, com o coração a explodir no peito e a ouvir os passos de corrida cessarem junto à porta.

O som de um murro desferido contra a porta, mesmo ao lado da minha cabeça, faz-me encolher e conter um grito.

— Abre a porta, sua cabra! Isto não fica assim! — Iniciam uma batelada de murros e pontapés contra a pobre porta de madeira.

Preciso de reforçar o meu esconderijo e empurro uma mesa, encostando-a à porta, juntamente com algumas cadeiras, bancos e até o caixote do lixo, que coloco em cima dela.

— Não abres?! Nem sabes o que te espera!

As forças dos corpos masculinos contra a porta fazem-na estremecer, e

o som ecoa pelo corredor, mas em vão, pois é abafado pela música que vem do exterior e pela ausência de pessoas nesta zona do edifício.

Tiro o telemóvel da mochila e tento ligá-lo, mas sem sucesso. Perscruto a sala em busca de um cabo que me permita carregá-lo apenas o suficiente para pedir ajuda, mas de nada me vale.

Deixo a mochila numa mesa do centro e corro para uma das janelas. É a única saída. Abro-a e avalio a altura do primeiro andar até ao chão. Lá em baixo vejo algumas pessoas, de bebidas na mão e a abanar o corpo ao som de música eletrónica.

— Ei! Ajudem-me! Socorro! — grito com toda a força que tenho na garganta.

Duas raparigas olham para cima, sorridentes.

— À nossa! — gritam, erguem os copos na minha direção, brindam e seguem caminho dançando.

Idiotas! Estou por minha conta. Vou ter de saltar e, provavelmente, partir um pé ou uma perna, mas é isso ou ser apanhada pelos quatro estafermos que continuam a tentar destruir a porta. Durante um segundo ainda avalio mentalmente ambas as opções, contudo, já me decidi.

Volto para ir buscar a mochila e ponho-a às costas. Sento-me no parapeito da janela, uma perna cá dentro e outra já no lado fora. Tenho de cair por forma a causar o mínimo dano no computador, não posso arriscar-me a perder os avanços da investigação. Volto a entrar na sala. O melhor será esconder a mochila e vir buscá-la mais tarde. Tiro-a das costas, já pensando no melhor local para a ocultar, quando me apercebo de que a solução sempre esteve ali. A investigação.

Rapidamente, tiro o portátil e ligo-o. Vasculho dentro da mala até encontrar algumas ventosas ligadas por pequenos fios a um cabo USB modificado. Isto é uma ideia ridícula, perigosa e, até, bastante insensata, mas o desespero e o medo que sinto sobrepõem-se à razão. Início o programa que eu e o meu pai criámos. Um trivial ecrã preto com letras azuis anuncia «Projeto Delete». Colo uma ventosa em cada uma das minhas têmporas e outra no peito, sobre o esterno, tal como fazemos com os roedores, e ligo o cabo que as une ao computador. No monitor, o separador dos destinos apresenta-me uma longa lista de coordenadas GPS já utilizadas, mas não tenho tempo para escolhas, por isso, seleciono uma localização qualquer. Quero apenas sair daqui para um lugar seguro.

Eu e o meu pai nunca experimentámos teletransportar seres vivos de grandes dimensões, muito menos um humano, mas, talvez, a minha

recente descoberta seja a minha salvação. O estrondo da madeira a rachar lembra-me de que não tenho tempo para mais verificações. Carrego na opção que confirma os dados do transporte. Estico o indicador, fecho os olhos e carrego na tecla «DEL» do teclado. Sinto uma vibração sair das ventosas e percorrer-me o corpo. Uma sensação de leveza invade-me os pés e as pernas, sinto os pensamentos misturarem-se e cada gota de suor a deslizar preguiçosamente pelo meu corpo. Agora não há retorno.

Abro os olhos e encontro o meu portátil aberto, com o ecrã exatamente como o vi da última vez no Projeto Delete, sem qualquer aparente sinal de alteração. Olho em volta e estou na mesma sala de informática. Um zumbido ressoa nos meus ouvidos, desaparecendo suavemente e dando lugar ao som da porta, que começou a ceder às investidas dos quatro bêbados. Nada mudou.

Com um único puxão, arranco as ventosas do corpo, fecho a tampa do portátil e guardo tudo na mochila que ponho às costas. Tenho de saltar.

Volto a empoleirar-me na janela e olho para baixo, na esperança vã de ganhar coragem. A porta quase arrombada leva-me a olhar para trás e vejo a face vermelha e suada do tipo que me lambeu a cerveja da cara a surgir na retaguarda da barricada que construí.

— Agora é que te vamos apanhar, sua cabra!

Seguro-me ao estore e penduro as pernas para o lado de fora da janela. Fecho os olhos e respiro fundo várias vezes. *No máximo, vão ser só uns ossos partidos, tu consegues*, encorajo-me.

— Laura?! Laura!

Ouçó gritar o meu nome, abro os olhos e lá em baixo encontro o olhar apavorado do Sérgio.

— O que estás a fazer? Estás louca?! — berra ele.

— Apanha-me! — grito-lhe.

— O quê?!

Um estrondo nas minhas costas anuncia que a minha barricada cedeu.

— Estás feita! Vem cá! — ouçó vociferar na sala e passos pesados vindo na minha direção.

— Apanha-me! — volto a gritar para o Sérgio.

Fecho os olhos, apoio as mãos no parapeito, dou um ligeiro impulso e salto.

CAPÍTULO 2

A queda não dura mais do que uns míseros segundos, mas são os suficientes para que o Sérgio seja rápido a reagir e a agarrar-me quase na perfeição. Caímos os dois na relva do pátio, meio desamparados. Dores horríveis inundam-me o pé esquerdo, e o peso da mochila nas costas insiste em manter-me colada ao solo. Solto uma das alças do ombro e rebolo, ficando de barriga para cima. Na janela de onde saltei, vejo quatro rostos: três parecem-me lívidos e outro fixa-me com raiva no olhar. Antes que alguém também olhe para cima, desaparecem de vista para o interior da sala.

— Laura, estás bem? O que raio te deu?! — O Sérgio ajoelha-se ao meu lado e ajuda-me a sentar.

— Que gaja doida! — oiço alguém comentar. Na verdade, toda a gente parou o que estava a fazer para ver a louca que se atirou da janela.

— Leva-me a casa, por favor — peço ao Sérgio, que anui sem fazer mais nenhuma pergunta.

Ajuda-me a levantar-me, mas dói-me demasiado o pé e não consigo caminhar. Apesar de, com certeza, também ele estar dorido do trambolhão, põe a minha mochila num ombro e deixa-me apoiar-me no outro.

— O espetáculo já acabou, malta — anuncia autoritariamente, e todos parecem esquecer-se do que acabara de acontecer e regressam às suas conversas.

Sem dizer nada, leva-me até ao seu carro e senta-me no lugar do pendura.

— Deixa-me ver esse pé.

Descalço os ténis vermelhos, deixo que ele me tire a pequena meia e me toque no pé magoado, percorrendo-me a pele com os dedos quentes. Alguns gemidos de dor escapam-se da minha garganta quando me toca no tornozelo.

— Está só torcido. Muito gelo e descanso e estás pronta para saltar outra vez.

Rio-me, mas ele está sério e percebo que não foi uma piada.

— Que raio te deu para saltar? O que é que se passou? — Curva-se, aproxima-se de mim e sinto-o inspirar. — Cheiras a álcool...

— Entornaram uma cerveja em cima de mim.

Ele não responde e continua a fixar-me, sério, à espera de uma explicação. Como não lhe dou resposta, deixa-me voltar a calçar os ténis e fecha a porta do carro. Dá a volta ao veículo, põe a minha mochila no banco traseiro e senta-se no lugar do condutor. O motor do velho *Fiat Uno* da sua avó ruge pesaroso, mas obedece ao atual dono e segue caminho.

— Sabes que me podes contar tudo... — insiste. Viro a cara para a janela, para evitar confrontá-lo, e não respondo.

Avançamos alguns quilómetros em silêncio, até ele voltar à carga.

— E se eu não estivesse lá? Se, por acaso, eu não fosse ao arraial, o que é que te teria acontecido?

— Provavelmente, estaria agora numa ambulância ou já no hospital.

— Laura, isto é sério. — Não respondo e ele solta um longo suspiro. — Da próxima vez que beberes, tenta não saltar de uma janela. Eu posso não estar lá.

— Porra, eu não bebi! Entornaram uma cerveja em cima de mim!

— Então, porque é que saltaste de um primeiro andar? — Ele eleva o tom da voz, mas sem gritar.

— Porque vinham atrás de mim! — grito, e não contengo mais as lágrimas.

— Quem é que vinha atrás de ti?

— Uns tipos que estavam no corredor a beber cerveja. Entornaram-na em cima de mim, não me deixaram passar, agarraram-me e... — Começo a soluçar, mesmo não querendo.

— Agarraram-te? Laura, o que é que eles te fizeram?

— Um deles disse que a cerveja era dele... passou a língua na minha cara... — Não consigo dizer mais nada, escondo a cara molhada nas mãos e entrego-me ao choro.

Sinto o braço direito do Sérgio envolver-me, puxando-me e reduzindo o espaço entre nós. Sei que aqui estou segura. O abraço dele é o meu refúgio e, se fosse possível, era para ele que me teletransportaria sempre.

Ele solta-me ao chegarmos à minha rua, parcamente iluminada pelos candeeiros de luz amarelada, que ele fixa, pensativo.

— Tens de apresentar queixa — afirma, decidido.

— Não.

— Quem são eles?

— Não os conheço...

— Descreve-os. — A voz dele é firme.

— Estava escuro e foi tudo muito rápido, não sei...

Ele dá um murro no volante, fazendo o velho *Fiat* estremecer.

— Porra, Laura, diz-me quem são os gajos!

Encolho-me perante a fúria que deteto na sua voz. Ele apercebe-se do susto que me causou e o semblante pesado desaparece, para dar lugar ao ar terno que sempre lhe conheci e que me fez apaixonar por ele.

Conheço o Sérgio desde o décimo primeiro ano, era o aluno novo na turma. De olhar profundo, reservado na fala e um ar sério que, por vezes, dava lugar a um sorriso arrebatador, facilmente atraiu as atenções femininas. Lembro-me do dia em que, no final de uma aula de Matemática, estava à minha espera à porta. Graças às minhas notas impecáveis, pediu-me ajuda com a disciplina. As explicações ao fim da tarde na sala de estudo passaram a idas ao cinema, a comer gelados no quiosque em frente à escola, a passeios de fim de tarde no parque da cidade, a fugir de casa à noite para ir ver as estrelas no terraço de uma casa abandonada. Tornámo-nos amigos inseparáveis. Para meu desgosto, nunca fomos mais do que isso.

— Desculpa... — sussurra enquanto me limpa as lágrimas com as costas da mão. — Sabes que não suporto ver-te magoada. Faço qualquer coisa para ver esse sorriso desajeitado.

Sorrio e, devagar, desvio a cara da mão dele para não cair na tentação de estragar a nossa amizade. Estico-me, gemendo baixinho pelo corpo dorido, puxo a minha mochila do banco de trás e abro a porta.

— Eu ajudo-te — apressa-se a dizer, mas já saí do carro.

— O meu pai já deve ter chegado. Amanhã falamos.

— Claro... Não te esqueças de pôr gelo nesse pé.

— Obrigada, Sérgio. — Ele pisca-me o olho e arranca no velho *Fiat* verde.

A coxear, entro em casa e deparo com as luzes apagadas e um silêncio tumular.

— Pai? — chamo, mas não obtenho resposta.

Vou à cozinha e tomo um analgésico para as dores. Do congelador, tiro um saco de gelo que enrolo num pano, e vou para a sala. Antes de me sentar, ainda me arrasto de novo para ir buscar a mochila que abandonei na entrada. Tiro o telemóvel e ligo-o ao carregador que deixei junto do sofá, no qual me deito a fazer gelo no meu pé vitimizado.

Revejo vezes sem conta os acontecimentos deste fim de tarde na minha cabeça. Por muito que me esforce, não encontro outra possibilidade de escapatória da sala de informática, nem me consigo lembrar da cara dos rapazes que me perseguiram. Apenas me recordo do olhar enraivecido de

um deles. Não quero imaginar o que me poderia ter feito se me tivesse conseguido pôr as mãos em cima. Inevitavelmente, acabo por pensar no Sérgio, na sua preocupação comigo e em como, secretamente, desejo que se torne algo mais. Solto um melancólico suspiro. Não me parece que ele tenha qualquer interesse romântico em mim. Sucumbo ao cansaço e adormeço, ainda a cheirar a cerveja.

SOU ACORDADA POR UM INSISTENTE BATER NA PORTA, QUE me deixa alvoroçada por me trazer recordações do dia anterior. Apenas o estridente som da campainha me faz perceber que estou em casa, segura. Levanto-me a custo, tanto pelas dores no pé como nas costas, por ter dormido no desconforto do sofá. O gelo do saco junto do meu pé transformou-se em água morna. Pego no telemóvel e ligo-o para descobrir que horas são. Onze e meia da manhã. Dormi toda a noite e, pelos vistos, praticamente toda a manhã. As batidas na porta continuam.

— Já vai! — resmungo numa voz arrastada que revela que acabei de acordar.

Por que raio o meu pai não me acordou? Nem sequer me respondeu à mensagem de ontem, que, afinal, sempre foi enviada. A caminho da porta, espreito para a cozinha e verifico que está tudo igual a quando cheguei ontem. Estranho, deveria ter loiça desarrumada na pia ou, pelo menos, o resto do jantar do meu pai na bancada.

Espreito pelo visor da porta e deparo com dois agentes fardados.

— Bom dia... — cumprimento, sem perceber o que se passa.

— Bom dia. Laura Rodrigues? — pergunta a agente.

— Sim.

— O seu pai está em casa?

— Acordei agora, mas acho que não. — Penso no que me aconteceu no dia anterior. Porra, Sérgio, eu não queria fazer queixa! — Agentes, se isto é sobre o incidente no arraial...

— Quando foi a última vez que viu o seu pai? — pergunta o outro agente, ignorando o meu comentário.

— Ontem ao pequeno-almoço. Mas porquê?

— Não o viu durante todo o dia? Em especial, após as vinte horas?

— Não... Ele ainda não estava quando cheguei a casa. Podem dizer-me o que se passa?

Os agentes entreolham-se e a mulher aproxima-se de mim.

— Laura, temos razões para crer que o seu pai está desaparecido.

— Desaparecido? Como? Isso não faz sentido algum! — Sinto o medo e a confusão fundirem-se dentro de mim.

— Temos relatos de dois investigadores que trabalhavam com o seu pai de que ele ficou a trabalhar no laboratório até tarde.

— Sim, mas isso é normal...

— Também temos o relato do assistente do seu pai, o senhor Daniel Gouveia, conhece-o? — Aceno afirmativamente com a cabeça, e o polícia prossegue. — Ele contactou-nos esta manhã num estado bastante nervoso e indicou-nos que ontem, cerca das vinte horas, o seu pai desapareceu do laboratório.

— Não entendo... Se o professor Daniel estava lá com ele, deve saber o que aconteceu.

— De acordo com o senhor Gouveia, o seu pai... bem... — A agente aclara a voz antes de continuar. — O seu pai desapareceu no ar à sua frente.

Nada do que me estão a dizer faz sentido. Como é que alguém desaparece do nada? Tenho as mãos a tremer e a boca seca.

— Isso não faz qualquer sentido...

— Tem conhecimento de que o seu pai estava a trabalhar na hipótese de teletransporte?

— Sim, mas ainda não tem resultados, é tudo apenas...

A agente feminina interrompe-me.

— Laura, precisamos que nos acompanhe à esquadra para prestar declarações oficiais.

— Claro... — Sinto-me atordoada com tudo isto. — Preciso apenas de me vestir.

— Aguardamos no carro.

Concordo com um assustado aceno de cabeça e vejo-os encaminharem-se para o carro-patrolha, onde ficam encostados a aguardar-me. Fecho a porta e coxeio até ao sofá, para me sentar e poder acalmar-me. Nada disto faz qualquer sentido. O que é que está a acontecer?

Preciso de ligar ao Sérgio, ele sabe sempre o que fazer. Viro-me para agarrar o telemóvel, e o meu olhar recai sobre a minha mochila. É então que algo me ocorre. Lanço um olhar rápido pela janela atrás de mim e vejo que os polícias conversam lá fora. Num ímpeto, puxo o portátil para fora da mochila e pouso-o nas minhas pernas trémulas. Abro-o e vejo que, com a pressa, nem me ocorreu desligá-lo. O ecrã ilumina-se e vejo o Projeto Delete aberto.

Uma caixa de borda vermelha pisca intermitente no ecrã com a mensagem «Teletransportado Com Êxito». A minha tentativa de teletransporte não foi bem-sucedida, portanto, isto só pode ser um erro do sistema, mas uma voz na minha cabeça insiste em que devo verificar. Fecho a caixa e analiso os dados que utilizei:

«Ativo: ligado
Latitude: 38° 39'70 N
Longitude: 09° 17'85 O»

Faço uma pesquisa *online* pelas coordenadas aleatórias que selecionei para me teletransportar e obtenho a localização de uma pequena ilha na foz do rio Tejo. Farol do Bugio. Apenas um dos locais isolados que o meu pai achou conveniente para realizar as experiências de teletransporte. Nem sei se alguma vez chegámos a tentar enviar algo para lá, pelo menos, não me recordo de termos mandado alguém para verificar o sítio.

Continuo a ler os dados:
«Denominação: M. R.
Estado: êxito»

Um choque gelado percorre-me o corpo. Oh, não... O pânico invade cada parte do meu organismo. Selecionei as coordenadas, à sorte, mas não alterei o nome do ativo. Deveria estar L. R., de Laura Rodrigues, e não M. R., de Marco Rodrigues.

«Ativo: ligado», significa que, por algum motivo que desconheço, o meu pai estava ligado à rede.

Tento respirar calmamente e manter as ideias em ordem. Talvez ainda haja uma pequena gota de esperança. Abro a consola de programador e tento encontrar uma forma de reverter o teletransporte através do código criado. Não quero saber se estou a arruinar todo o trabalho de anos, quero apenas o meu pai de volta. Nem sequer faço ideia se reverter o processo é possível, mas há uns anos a ideia de teletransporte também era apenas um conceito reservado à ficção científica. Consigo inverter o código e crio um simples botão de ação azul, no canto do ecrã, que diz: «Reverter.» Só espero que o meu pai ainda esteja ligado. Com os dedos a tremerem, clico no botão. Nada acontece. Clico uma e outra e outra vez. O programa continua sem reagir, sem qualquer alteração aparente. Em desespero, já com os olhos em lágrimas, clico no botão dezenas de vezes seguidas, até surgir uma mensagem no ecrã, em letras vermelhas: «Erro. Ativo desconectado. Retorno falhado.»

O programa volta à sua imagem inicial, anunciando-se: «Projeto Delete.»

O meu desespero de ontem levou-me a arriscar irresponsavelmente. O horror e o entusiasmo entram em conflito no meu cérebro.

Consegui. Teletransportei um ser humano.

No entanto, fracassei. Perdi-o. Perdi o meu pai.

Sinto vontade de vomitar, chorar e gritar, tudo em simultâneo.

O que é que eu fiz?

CAPÍTULO 3

ATUALIDADE

Passo os dedos pela cana do nariz, com uma leve pressão, e volto a realizar mais uma simulação. Após um dia inteiro a escrever código e a efetuar dezenas de testes, já só quero que isto resulte, dê por onde der. Como sempre, começa tudo bem, mas acaba em erro, e o início de mais uma dor de cabeça já despontou. Derrotada, passo as mãos pela cara e esfrego os olhos cansados.

— Bem, por hoje está feito. Ainda ficas, Laura? — pergunta-me o Filipe, já à porta.

— Sim, não estou a conseguir corrigir o erro...

— Amanhã é outro dia — diz, interrompendo-me e sorrindo.

— Já me conheces, sabes que nem vou dormir a pensar nisto.

Ergue as mãos num gesto de derrota.

— Laura, vai descansar. — Limito-me a sorrir-lhe, e ele acena. — Até amanhã!

Dou uma última oportunidade ao meu trabalho de hoje. Corrijo, novamente, alguns erros do código e preparo mais uma simulação. aguardo o resultado que, para meu desgosto, é novamente falhado. O Filipe tem razão, amanhã é outro dia e as linhas de código ainda aqui estarão, prontas para serem aperfeiçoadas e testadas. Encerro o computador e arrumo a secretária.

Vou até a uma das grandes janelas envidraçadas do edifício. A noite chega e tinge o céu de um tom azul-escuro salpicado pelas luzes citadinas que fazem Lisboa brilhar. O caos urbano contrasta com o silêncio que impera neste gabinete, após a saída do Filipe.

O Filipe é meu parceiro de trabalho há quase três anos. Entrei há cinco anos para a MemoraCorps, uma empresa de tecnologia aplicada à saúde, especializada em desenvolver projetos e pesquisas relacionados com a área da memória. O Filipe foi o primeiro estagiário que me foi atribuído quando consegui alcançar o cargo de *manager*. Nunca mais o deixei, nem ele a mim. Trabalhámos em várias investigações que colocaram o nosso nome em artigos da área, e chamaram-nos «dupla promissora», mal sabendo o que ainda estaria por vir. Unindo as nossas capacidades dentro do ramo e os nossos conhecimentos informáticos, estamos a desenvolver um programa

inovador que está a pôr a MemoraCorps na mira dos grandes tubarões tecnológicos.

MindLegacy será um novo *software* de armazenamento em nuvem. Nada de novo até aqui. O que o irá tornar incomparável é o tipo de dados que irá guardar. O nosso programa irá possibilitar arquivar memórias, diretamente do cérebro, recorrendo a uma ligação neurológica com o dispositivo. Assim, as recordações estarão sempre preservadas e acessíveis. Esta é a ideia que eu e o Filipe queremos tornar real e é nela que trabalhamos todos os dias. Embora apoiados pela MemoraCorps, grande parte do investimento é nosso, a todos os níveis. Confiamos um no outro para tal. A base do *software* está montada e é bastante promissora, no entanto, a segurança dos dados é uma constante preocupação e um aspeto difícil de assegurar. Já para não falar da parte neurológica, que tem sido pautada por falhas e becos sem saída. Pelo menos, é isso que preciso que o Filipe continue a pensar.

Regresso à mesa de trabalho, guardo o portátil na mala e preparo-me para sair do nosso escritório, situado num prédio renovado, bem localizado no centro da cidade. Os automóveis vão-se acumulando na rua, com pessoas desejosas de regressar a casa. Também eu anseio por chegar ao conforto do meu sofá, mas ainda tenho assuntos pendentes.

Saio do edifício e passo pelo meu carro, deixando-o ficar no estacionamento lateral ao prédio, e caminho em direção às escadas da estação do metropolitano. Não demora muito até chegar o comboio, sem lugares sentados disponíveis, como é costume a esta hora. Deixo-me ir em pé, perto da porta, até chegar à estação da Avenida.

Já na superfície, percorro a iluminada Avenida da Liberdade em passo calmo, mas decidido, aproveitando para apreciar a beleza da capital e o seu ritmo frenético. A noite já caiu, mas as ruas continuam repletas de corpos apressados. Detenho-me em frente à montra de uma conceituada joalheria.

Os expositores repletos de diamantes, ouro e pedras preciosas reluzem sob a iluminação estrategicamente posicionada para os tornar mais apetecíveis.

Através do vidro, observo o interior da loja. Uma funcionária lava o chão e outra trata de fechar de forma segura os bens preciosos das montras interiores. A caixa registadora fica num balcão ao fundo da loja, vejo outro balcão mais pequeno perto da montra onde estou e várias câmaras de segurança que vigiam o espaço, bem apontadas aos balcões e aos expositores. Tento criar uma imagem mental do raio de imagem que aquele

modelo capta. Até os melhores sistemas de segurança têm pontos fracos, e o deste espaço não é exceção.

— Boa noite. Estamos mesmo a fechar, mas se precisar de algo... — A funcionária que lavava o chão assoma à porta. Coloco o meu melhor sorriso para lhe responder rapidamente.

— Obrigada, não se preocupe. Aliás, sei exatamente o que quero, mas volto cá com mais tempo.

— Pode entrar, não há problema.

— Agradeço, mas não vos quero maçar a esta hora. Em breve passo por cá, garanto-lhe! — Sorrio abertamente e ela aceita a minha resposta, regressando ao interior da loja.

Lanço um último olhar à montra e fixo o objeto do meu desejo. Uns belíssimos brincos de ouro amarelo, cada um com oito diamantes a criarem a forma de floco de neve, adornados por quatro pequenos diamantes negros e, no topo, um raro diamante de uma intensa cor verde. Sim, definitivamente, sei o que quero, mas, ao olhar para o exorbitante valor dos brincos, também sei o que não posso ter.

Aceno em jeito de despedida às funcionárias que me observam do interior.

Refaço o percurso até à estação do metro, que continua apinhado, e regresso ao ponto de partida e ao meu automóvel.

O caminho para casa não é longo, mas o típico trânsito lisboeta torna-o demorado, e hoje não é exceção, o que me aborrece, tendo em conta a hora tardia.

Acabo por me abstrair da fila de veículos, a observar o exterior que me rodeia: os passos apressados de quem corre para apanhar os transportes, um grupo de jovens raparigas que riem coladas ao ecrã do telemóvel de uma delas, um idoso já corcunda a passear um cão que praticamente se arrasta, as montras iluminadas de cores variadas, as publicidades gastas e de que facilmente nos esquecemos. No entanto, é um desses anúncios que prende a minha atenção. Sob uma intensa luz branca, uma operadora de telemóveis anuncia a sua campanha especial dedicada ao regresso às aulas, que se aproxima. Uma menina de cabelos loiros escolhe os novos materiais escolares mostrando-os a um homem que lhe sorri carinhosamente. Provavelmente, o pai. Inevitavelmente, acabo por me recordar do meu.

Passaram-se dez anos desde que tomei a estúpida decisão de usar o Projeto Delete, ainda primitivo, e carreguei na maldita tecla. A tecla que não

me fez desaparecer, mas que apagou da existência a pessoa mais importante da minha vida.

Nunca conheci a minha mãe, abandonou-me e ao meu pai poucos meses após o meu nascimento. Os rumores falavam de um outro amor, mais forte do que o de mãe, que a arrebatou para longe de nós. Nunca questionei o meu pai sobre ela, sempre assumi que, se nos abandonou, foi por livre vontade e por não nos querer na sua vida. Na altura, o meu pai estava a braços com investigações e a fazer um doutoramento, mas tomou conta de mim e nunca deixou que me faltasse nada. Educação, ensinamentos, brincadeiras, ralhetes, castigos, mas, principalmente, muito amor. E, num inconsequente instante de pânico, acabei com tudo.

Após o desaparecimento do meu pai, foram várias as minhas visitas às instalações policiais para interrogatórios. Também a nossa casa passou a ser visitada por agentes munidos de mandados em busca de indícios de algo e de explicações.

Choveram chamadas e *emails* com pistas e possíveis avistamentos sobre o paradeiro dele, que se revelaram sempre falsos. Todos os meus esforços e da polícia foram infrutíferos.

Em nenhum momento falei sobre o incidente com o projeto de teletransporte. A polícia científica analisou minuciosamente o laboratório e o computador do meu pai, acabando por descobrir no que ele estava a trabalhar. Nesse mesmo dia, recebi a visita do Daniel, o assistente do meu pai, que me pediu para não revelar nada sobre o projeto, argumentando que seria perigoso para todos se algo assim viesse a público numa fase tão precoce. Temerosa, acedi ao pedido e, quando questionada nos interrogatórios, confirmei que o meu pai estaria a trabalhar na possibilidade de teletransporte, mas neguei saber pormenores sobre o trabalho. Igualmente fez o Daniel, que alegou que ainda só tinham teorias e poucos dados que nunca tinham mostrado resultados ou sequer sido testados. O Daniel foi interrogado exaustivamente, afinal, numa fase inicial, afirmou que vira o meu pai desaparecer perante os seus olhos. Nunca deu uma explicação para tal e começou-se a assumir que o teletransporte funcionara, apesar de o Daniel o negar incessantemente.

Claro que a comunicação social soube de tudo e não tardaram a surgir *online* as primeiras teorias da conspiração.

Uns afirmavam que o desaparecimento do meu pai tinha sido um teste falhado que aplicou nele próprio. Outros defendiam que o professor Rodrigues tinha descoberto como efetuar o teletransporte e que o governo

americano, russo ou chinês o tinha raptado ou feito desaparecer para obter os resultados do projeto. E havia ainda um grupo que acreditava que ele, simplesmente, tinha fugido, motivado pelas descobertas feitas ou por frustração e loucura.

Graças a esses loucos, tive de ter proteção policial à porta de casa durante meses, pois fui alvo de tentativas de invasão e de assédio para obterem informações que lhes confirmassem as falácias. Até que, um ano e meio depois, tudo acalmou e Portugal pareceu esquecer-se dele. A polícia acabou por, também, abandonar o caso devido à falta de pistas e aos becos sem saída que encontravam.

Comigo guardei as coordenadas que estavam no programa aquando da minha asneira. Levavam à pequena ilha na entrada da barra do Tejo e ao solitário farol branco e vermelho do Bugio.

Sendo o Daniel a única pessoa com conhecimento do projeto, acabei por baixar a guarda e confiar nele. Contei-lhe a verdade sobre tudo o que aconteceu, por entre lágrimas e um pesado sentimento de culpa, o qual, inicialmente, nunca senti que me atribuísse. Prontificou-se a ir comigo ao farol em busca do meu pai. As visitas não são permitidas, por isso, tivemos de aguardar por uma oportunidade que tardou em chegar. Dois meses após o desaparecimento, a câmara municipal realizou uma visita explicativa ao farol, na qual nos inscrevemos. Apesar de ser um local magnífico e, ao mesmo tempo, aterrador pela força do rio naquela zona, não encontrámos vestígios da presença do meu pai. Apenas encontrámos a torre do farol e a muralha circular, à espera da chegada da noite para guiar marinheiros para longe da morte.

Durante anos procurei-o, revendo a sua pesquisa incessantemente, vagueando pelas ruas da cidade, palmilhando a zona marginal acompanhada de um par de binóculos apontados ao farol, acordando durante a noite com qualquer ruído que me desse a esperança de o ver entrar pela porta.

A obsessão desta busca levou a que me isolasse de todos os que conhecia. Foquei-me em terminar os meus estudos e empenhei-me em, secretamente, concluir o Projeto Delete, para honrar o meu apelido e, talvez, conseguir fazer o meu pai regressar para junto de mim.

O Daniel, que mantinha acesso à base de dados do programa, rapidamente se apercebeu de que alguém continuava a desenvolvê-lo. Verificou o *login* e, sem dificuldade, chegou a mim. Foi num dia de chuva que me bateu à porta e disse que sabia o que eu andava a fazer. Deixei-o entrar e contei-lhe sobre os meus progressos e melhorias no

Projeto Delete. Sem hesitar, propôs-me uma parceria, o que me deixou bastante entusiasmada, até ele completar a sua proposta, referindo financiamentos privados, clientes em lista de espera e a possibilidade de acesso a todos os meios necessários, mas que não poderia adiantar mais informação a não ser que eu aceitasse. Aí, apercebi-me de que as suas intenções não eram as melhores, e o meu erro ao contar-lhe tudo o que já tinha descoberto. Após ele deixar a entrada de casa, tratei de lhe revogar o acesso à base de dados e de o eliminar da minha vida. Foram muitas as chamadas não atendidas, idas à minha casa e *emails* em tom ameaçador que recebi dele. Acabei por abandonar a minha casa de infância para fugir não só do Daniel, mas de todas as recordações que mais se assemelhavam a assombrações. A minha falta de resposta acabou por surtir efeito, e o Daniel desapareceu de cena. Pelo menos, durante uns tempos.

Dou-me conta de que um par de lágrimas escorre silencioso pelo meu rosto e que o nariz se começa a entupir. Preciso de me desligar das dolorosas memórias do passado e focar-me naquela que é a minha vida agora. Passaram-se dez anos e muita coisa mudou. Sou uma engenheira de sucesso, com uma vida confortável e com um projeto secreto em mãos que poderá mudar o mundo.

Um carro buzina atrás de mim e reparo que estou parada no semáforo verde. Peço desculpa através do espelho retrovisor e continuo o caminho até casa.

Entro diretamente na garagem do condomínio, estaciono o carro e subo no elevador até ao sexto piso.

Ao chegar ao meu apartamento no penúltimo andar, as luzes da cidade que entram pelas janelas com os estores abertos são a única iluminação da casa. Deixo a mochila do trabalho no cabide da entrada, descalço os sapatos e encaminho-me para a sala. Ao acender a luz, deparo com outro ser vivo na divisão.

— Olá, *Merluza!* — cumprimento, e recebo um miado, seguido de uma longa espreguiçadela da gata que salta do sofá e se vem roçar nas minhas calças.

Afago-lhe o pelo cinzento, que originou o seu nome, e pego nela ao colo, coçando-lhe o queixo macio. Ronrona, deliciada com o mimo, aninhando-se mais nos meus braços. Transporto-a até à cozinha, onde salta do meu colo e se dirige à sua tigela, olhando para mim.

Da despensa, tiro uma medida de ração à qual junto um pedaço do seu

patê favorito. Mía de contentamento assim que o odor a frango lhe chega às narinas.

Já eu, abro o frigorífico e não sinto qualquer vontade de preparar o jantar. Felizmente, num *tupperware*, as sobras do esparguete à bolonhesa do jantar de ontem sorriem para mim. Aqueço-as no micro-ondas enquanto encho um copo de vinho tinto setubalense, que levo aos lábios. Saboreio, de olhos fechados, o firme sabor dos taninos e o aroma dos mirtilos a envolverem o meu paladar. O micro-ondas toca e levo a comida fumegante num tabuleiro para a sala, pousando-o no sofá.

Antes de me sentar, retiro uma das grandes almofadas do sofá para deixar à vista um fundo oco com um compartimento instalado, semelhante a um cofre. Abro-o e retiro de lá um pequeno computador portátil e um relógio digital desligado. No fundo do compartimento, descansa um pedaço de papel com listas de coordenadas e uma caneta, que também retiro.

Sento-me com o computador, a iniciar, sobre as pernas, e o tabuleiro com o jantar ao meu lado. Contam-se pelos dedos das mãos os ícones no ambiente de trabalho, e um deles chama a atenção pela forma de uma tecla onde se lê «DEL». Clico nele e abro o Projeto Delete, agora num servidor a que apenas eu tenho acesso e com medidas de segurança bastante apertadas.

Como uma garfada de esparguete e verifico os dados predefinidos do programa. O modo de teletransporte está correto, o ativo está definido para L. R., as coordenadas do ponto de destino estão definidas e trancadas, portanto, apenas me falta introduzir as coordenadas do ponto de origem para ter tudo pronto.

Abro um navegador anónimo na Internet e no motor de busca digito o nome da joalharia que visitei hoje. Copio as coordenadas da sua localização e colo-as no local destinado a definir o ponto de origem no Programa Delete.

Altero o estado da transação para pendente e ligo um pequeno cabo USB do computador ao relógio digital. Pego-lhe, ligo-o e no ecrã surge a designação «Projeto Delete», seguida de uma imagem, que ocupa todo o ecrã, semelhante à tecla «Delete» que encontramos num computador, e que desaparece para dar lugar à informação: «A transferir dados...». aguardo ansiosamente, mas, ao fim de poucos segundos, surge um grande X vermelho no ecrã e a mensagem de transferência falhada. Com um suspiro, desligo o cabo, volto a minha atenção de novo para o computador e faço uma dupla verificação de tudo antes de fechar o programa e baixar a tampa do portátil, tendo o cuidado de não o deixar encerrar.

Raios, ainda não foi desta que consegui que o relógio funcionasse. Seria tudo mais fácil se isso acontecesse.

Bebo um gole de vinho e ouço o telemóvel dar sinal de mensagem, ao mesmo tempo que a *Merluza* salta para o sofá e se deita ao meu lado.

Que me dizes de jantarmos hoje? Ou podemos saltar para a sobremesa...

Uma oferta, sem dúvida, tentadora, mas hoje não é o ideal. Já o dia de amanhã será perfeito para nos encontrarmos.

Hoje não dá, mas conto contigo amanhã? Prometo uma deliciosa sobremesa.

Respondo e, quase de imediato, recebo um «Levo o vinho», como resposta.

Com o telemóvel, volto a pesquisar, anonimamente, as coordenadas da joalheria. Pego no papel com a lista de coordenadas que repousa no braço do sofá e anoto-as no fim da lista, não me esquecendo de indicar a que local correspondem.

Termino de comer e bebo o resto do vinho de uma só vez.

Acaricio a cabeça da *Merluza*, que ronrona de olhos fechados, e sorrio.

Se tudo continuar a correr como planeado, regressarei muito em breve à joalheria.